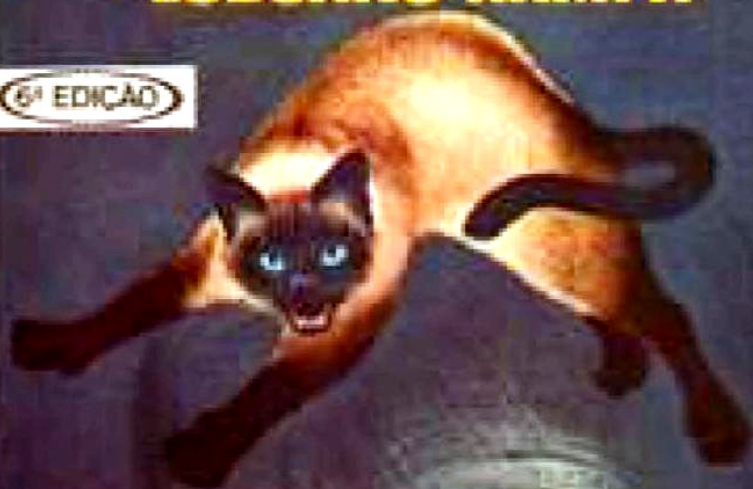


MINHA VIDA COM O LAMA

MAIS UM EPISÓDIO DA HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA DE

LOBSANG RAMPA

6ª EDIÇÃO



MINHA VIDA COM O LAMA
Mais um Episódio da
História Extraordinária de
Lobsang Rampa

Lobsang Rampa

3ª. Edição

Tradução de AFFONSO BLACHEYRE

RECORD

1964

À Mamãe, que nos trata quando estamos doentes, cuida de nós quando é preciso, e nos ama sempre!

PREFÁCIO

— Você ficou maluca, Fif — disse o Lama. — Quem vai acreditar que *você* escreveu um livro?

Dizia isso, sorrindo para mim, enquanto me acariciava de leve sob o queixo, exatamente do modo que mais me agradava; pouco depois ele deixava a sala para tratar de alguma coisa.

Permaneci sentada, pensando: "E por que eu não poderia escrever um livro? É verdade que sou uma gata, mas não uma gata comum. Oh, Céus! Não! Eu sou uma gata siamesa que viajou muito, viu muita coisa. *Viu?* Bem, naturalmente, estou inteiramente cega, agora, e tenho de me valer do Lama e da Dama Ku'ei, para que me digam como são as coisas, mas bem que tenho minhas recordações!"

Estou velha, naturalmente, muitíssimo velha, e bastante enferma, mas isso não é motivo suficiente para que deixe de pôr no papel o relato dos acontecimentos de minha vida, enquanto o posso fazer. Aqui, portanto, está minha versão da Vida com o Lama, e dos dias mais felizes da minha vida; dias de sol, após uma vida de sombras.

(Sra.) Fiji Costeletas.

CAPÍTULO 1

A futura mãe gritava:

— Eu quero um gato, um gato belo e FORTE!

Ao que diziam as pessoas, ela fazia um barulho TERRÍVEL. Era, entretanto, famosa pelo miado alto

que emitia. Por sua exigência insistente, os melhores centros de criação de gatos em Paris foram vasculhados, procurando-se um gato siamês adequado, com indispensável *pedigree*. A voz da futura mãe tornava-se cada vez mais estridente e alta. As pessoas tornavam-se cada vez mais perturbadas, dedicando-se à procura com energias renovadas.

Finalmente, encontraram um candidato bastante apresentável que foi oficialmente apresentado à futura mãe. Desse encontro, com o correr do tempo, surgiu eu, e apenas eu pude viver, pois os meus irmãos e irmãs foram afogados,

Mamãe e eu vivíamos com uma antiga família francesa que possuía uma propriedade espaçosa nos arrabaldes de Paris. O homem era um diplomata de alto posto, que viajava para a cidade quase todos os dias da semana. Muitas vezes não regressava à noite, mas permanecia na cidade, com sua amante. A mulher que morava conosco, Mme. Diplomata, era uma criatura muito insensível e frívola. Nós, gatos, não éramos "pessoas" para ela (como somos, para o Lama), mas apenas coisas a serem exibidas nos chás, quando havia convidados.

Minha mãe tinha uma belíssima figura, com a mais negra de todas as caras e uma cauda que sabia erguer em vertical. Ganhara muitíssimos prêmios. Um dia, quando eu ainda não fora devidamente desmamada, ela entoou uma canção com voz bem mais alta do que o comum. Mme. Diplomata ficou furiosa e chamou o jardineiro.

— Pierre — gritou. — Leve-a imediatamente para o tanque, porque não posso suportar tanto barulho. Pierre, um francês miúdo e de rosto pálido, que nos detestava, porque às vezes o ajudávamos no trabalho de jardinagem, examinando as raízes das plantas para ver se estavam crescendo, apanhou minha bela mãe e a colocou dentro de um saco sujo e velho de batatas, afastando-se dali. Aquela noite, sozinha e com medo, chorei até dormir, em uma casinha fria, de onde Mme. Diplomata não seria perturbada por meus lamentos.

Agitei-me incessantemente, com febre, em meu leito frio de jornais velhos, de Paris estendidos no chão de concreto. Pontadas de fome sacudiam meu corpinho, e eu não sabia como me ia arranjar. Aos primeiros albos da madrugada, surgindo com relutância pelas janelas cobertas de teias de aranha na casinha, tive sobressaltos de apreensão ao ouvir passadas pesadas que vinham pela trilha, detinham-se com hesitação à porta, que logo foi empurrada, entrando alguém.

"Ah!" — pensei, com alívio. — "É apenas Madame Albertine, a arrumadeira."

Arquejando e com os ossos estalando, ela baixou o corpo pesado até o chão, enfiou o dedo gigantesco em uma tigela de leite quente, e me convenceu com gentileza a beber.

Por dias seguidos, estive sob a sombra do pesar, lamentando minha mãe assassinada, assassinada apenas devido à belíssima voz que tinha. Por dias seguidos não senti o calor do sol, nem me reconfortei com o som de alguma voz amada. Pas-

sei fome e sede, contando inteiramente com a ajuda de Albertine. Sem ela, teria morrido de fome, pois eu era nova demais para comer sem ajuda.

Os dias se arrastavam, tornando-se semanas. Aprendi a cuidar de mim mesma, mas as vicissitudes de minha vida inicial me deixaram uma constituição abalada. A propriedade era imensa, e muitas vezes eu andava por ali, afastando-me de todas as pessoas e de seus pés desastrados, que pareciam incapazes de guiar. As árvores eram meus pontos favoritos e eu as escalava, estendendo-me em algum ramo amigo, aquecendo-me ao sol. As árvores murmuravam para mim, falando dos dias felizes que viriam, no anoitecer de minha vida. Naquela ocasião eu não as compreendia, mas confiava e tinha sempre presente as palavras das árvores, até mesmo nos momentos mais sombrios.

Certa manhã, despertei com anseios estranhos e indefinidos. Emito um brado de indagação que, infelizmente, foi ouvido por Mme. Diplomata.

— Pierre! — chamou ela. — Arranje um gato, *qualquer* gato para ela.

Mais tarde naquele dia, fui apanhada e jogada com brutalidade em um caixote. Quase antes que eu pudesse perceber a presença de outra criatura, um gato velho e indecente saltou sobre minhas costas. Minha mãe não tivera qualquer oportunidade de me informar a respeito dos "fatos da vida", de modo que eu não estava preparada para o que aconteceu em seguida. O gato velho e

surrado saltou sobre mim, e eu senti um golpe chocante. Por momentos achei que alguma das pessoas me desferia um pontapé. Houve um clarão cegante de dor, e senti que algo se rasgava. Gemi em agonia e terror, e lutei ferozmente com o velho gato; o sangue irrompia de uma de suas orelhas e seus gritos vieram juntar-se aos meus. Como um relâmpago, a tampa do caixote foi retirada e olhos sobressaltados nos fitaram. Saltei e, ao fugir, vi o gato velho, eriçado e furioso, pular diretamente sobre Pierre, que caiu de costas, aos pés de Mme. Diplomata.

Correndo por um gramado, busquei o abrigo de uma macieira amiga. Subindo pelo tronco acolhedor, cheguei a um galho já conhecido e muito amado, onde me estendi, arquejante. As folhas farfalhavam à brisa e me acariciavam com gentileza. Os ramos oscilavam, rangiam e, devagar, levaram-me ao sono do esgotamento.

Pelo resto do dia e toda a noite, permaneci naquele galho; com fome, doente e receosa, indagava de mim mesma o motivo pelo qual os seres humanos eram tão selvagens, tão destituídos de sentimentos quanto aos pequenos animais que dependiam inteiramente deles. A noite estava fria e um chuvisco vinha da cidade de Paris. Fiquei encharcada, tremendo, mas ainda assim o pavor impedia que eu descesse e procurasse lugar melhor.

A luz fria do amanhecer cedeu lugar, devagar, ao cinzento opaco de um dia encoberto. Nuvens cor de chumbo enchiam o céu. De vez em quando desabava uma pancada de chuva. Mais tarde,

naquela manhã, uma figura conhecida apareceu vinda da direção da casa. Albertine, com passos pesados e emitindo ruídos amistosos com a boca, aproximou-se da árvore, pondo-se a fitá-la com os olhos míopes. Eu a chamei, débilmente, e ela estendeu a mão para mim.

— Ah! Minha pobrezinha Fifi, venha depressa, porque estou com sua comida.

Deslizei pelo ramo e, devagar, pelo tronco da árvore. Ela se ajoelhou na grama a meu lado, afagando-me enquanto eu tomava o leite e comia o que ela trouxera. Tendo terminado a refeição, esfreguei-me nela, cheia de gratidão, sabendo que aquela criatura não falava minha língua e eu não falava francês (embora o compreendesse inteiramente). Pondo-me em seu ombro forte, ela me levou para a casa e dali para seu quarto.

Olhei ao redor, tomada de espanto e interesse, com toda atenção. Era uma peça que eu não conhecia e avalei logo como seus pertences se prestavam a estender as patas e usar as unhas. Tendo-me ainda ao ombro, Albertine seguiu com passos pesados para um banco de janela, pondo-se a olhar para fora.

— Ah — exclamou, soltando o ar do peito, com prazer. — "É uma pena que, em meio a tanta beleza, exista tanta crueldade.

Levou-me para seu regaço bastante amplo, fitando minha cara enquanto dizia:

— Minha pobre e bela Fifizinha, Mme. Diplomata é uma mulher insensível e cruel. Uma arrivista social, pode crer. Para ela, você é apenas um

brinquedo para ser exibido aos outros. Para mim, você é uma das criaturas do Bom Deus. Mas você não vai compreender o que estou dizendo, gatinha!

Eu ronronei para mostrar que compreendia, sim, e lambi-lhe as mãos. Ela me afagou, dizendo:

— Oh! Tanto amor e afeto desperdiçados. Você será uma boa mãe, Fifizinha.

Ao me enrodilhar de modo mais confortável em seu regaço, espiei pela janela. O panorama era tão interessante, que foi preciso erguer-me e pôr o focinho na vidraça, para obter uma visão melhor. Albertine sorria para mim, afetuosamente, enquanto brincava com minha cauda, mas o panorama atraía toda a minha atenção. Ela se voltou, pondo-se de joelhos, e juntas espiamos pela janela, lado a lado.

Lá embaixo, os gramados bem criados pareciam um tapete verde e liso, orlado por uma aléia de imponentes choupos. Em curva suave para a esquerda, o cinzento liso do caminho estendia-se até a estrada distante, da qual vinha o zumbido abafado do tráfego que ia para a grande metrópole e vinha de lá. Minha velha amiga, a macieira, apresentava-se sozinha e ereta, ao lado de um pequeno lago artificial, cuja superfície, refletindo o opaco cinzento do céu, adquirira também o aspecto de chumbo velho. Ao redor da orla da água, uma faixa esparsa de juncos fazia-me lembrar a orla de cabelo na cabeça do velho Curé, que vinha visitar "le Duc" — o marido de Mme. Diplomata.

Olhei novamente para o tanque e pensei em minha pobre mãe que fora afogada ali. "E quantos outros?", estava imaginando. Albertine olhou para mim, de repente, e disse:

— Ora, minha Fifizinha, acho que você está chorando... Sim, você derramou uma lágrima. É um mundo cruel, muito cruel, pequena Fifi, cruel para todos nós.

De súbito, à distância, pontinhos escuros que eu sabia serem automóveis voltaram-se para o caminho e se aproximaram com rapidez da casa, detendo-se em meio a muita poeira e guinchos de pneumáticos. Uma campainha foi tocada, com fúria, fazendo com que meu pelo ficasse em pé e a minha cauda se arrepiasse. Madame apanhou uma coisa negra, que eu sabia ser chamada de telefone, e ouvi a voz estridente de Mme. Diplomata a sair dali, agitada:

— Albertine, Albertine, por que não cumpre seus deveres? Por que pago a você? Sou tão caridosa, que não a despeço. Venha imediatamente, porque temos visitas. Você não deve ser tão preguiçosa, Albertine.

A voz cessou, com um estalido, e Albertine suspirou, cheia de frustração.

— Ah! E a guerra me trouxe a este ponto. Agora, trabalho dezesseis horas por dia, ganhando uma bagatela. Descanse, pequena Fifi, aqui está uma caixa de terra.

Suspirando outra vez, afagou-me de novo e saiu. Ouvi os degraus rangendo sob seu peso, e depois veio o silêncio.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

